



IDeIAS

Informação sobre *Desenvolvimento, Instituições e Análise Social*

AFINAL, NÃO É SÓ CABO DELGADO! DINÂMICAS DA INSURGÊNCIA EM NAMPULA E NIASA

Salvador Forquilha e João Pereira

Introdução

Nos últimos três anos e meio, Moçambique enfrenta uma violência armada desencadeada por um grupo de natureza jihadista. Com origens na zona norte de Cabo Delgado e localmente conhecido pela designação *Al-Shabaab*, o grupo surgiu como uma seita religiosa (Morier-Genoud, 2020) e, de seguida, constituiu-se numa unidade militarizada, tendo partido para a violência armada a 5 de Outubro de 2017.

Baseado em trabalho de campo nas províncias de Cabo Delgado, Nampula e Niassa¹, este texto procura analisar a insurgência com base em dinâmicas de alguns distritos de Nampula e Niassa. Com enfoque nos factores do avanço da insurgência no terreno, o texto sublinha o argumento, segundo o qual, a compreensão do desenvolvimento da insurgência em Cabo Delgado passa, entre outros aspectos, pela análise das dinâmicas sociais, económicas e religiosas das províncias vizinhas, nomeadamente Nampula e Niassa, que se transformaram em espaços férteis de recrutamento, particularmente a partir de 2018. O argumento é desenvolvido em dois momentos. No primeiro momento, o texto procura identificar e analisar os principais factores que conduziram ao alastramento da insurgência para mais distritos de Cabo Delgado e à tentativa de instalação de células de tendência radical em alguns distritos de Nampula e Niassa. No segundo momento, focaliza-se a atenção para as dinâmicas de recrutamento a nível interno, com destaque para alguns distritos localizados na zona costeira de Nampula e na fronteira entre a província de Niassa e a Tanzânia.

Por que razão a insurgência não ficou confinada a Mocimboa da Praia?

Quando surgiram as primeiras denúncias das lideranças religiosas locais junto das autoridades governamentais relativamente à existência de um grupo de jovens que estava a criar distúrbios nas mesquitas e a pregar um Islão diferente (Savana, 2020), muito provavelmente, pouca gente podia imaginar que esses “jovens agitadores” estivessem a começar um novo ciclo de violência armada complexa em Moçambique, com ataques dirigidos não só às instituições do Estado como também às populações locais, causando uma crise humanitária de grandes proporções. Talvez tenha sido por isso que as autoridades moçambicanas, no início dos ataques, em 2017, tenham olhado para o fenómeno como se de um banditismo comum se tratasse, equiparável a um simples fenómeno de perturbação da ordem pública.

Afinal, à medida que o tempo foi passando, o fenómeno foi-se revelando bem mais complexo! Com efeito, de uma seita religiosa com enfoque em alguns distritos de Cabo Delgado que surge nos anos 2010, com ramificações em Nampula e Niassa, o grupo transformou-se num movimento militar com características jihadistas. Que factores podem ter estado na origem desta evolução do fenómeno? Por que razão o fenómeno não ficou confinado a Mocimboa da Praia ou então a aldeias e pequenos povoados? Pesquisas efectuadas no terreno sugerem a existência de alguns factores explicativos. Embora intrinsecamente ligados, para efeitos de análise, agrupamos os factores em duas categorias, nomeadamente contextuais e institucionais.

• Factores contextuais

A literatura sobre movimentos extremistas de carácter jihadista presta uma atenção particular a factores contextuais e, em grande medida, associa-os a crises na relação entre o Estado e os cidadãos, cristalizadas em fracas políticas em diferentes sectores da vida económica e social (Hansen, 2018; Oriola & Knight, 2019; Nkomo & Buchanan-Clarke, 2020). Para o caso concreto do norte de Moçambique, factores contextuais referem-se a condições sociais, económicas e políticas favoráveis à emergência e expansão da insurgência, nomeadamente o sentimento de exclusão étnica, social, económica e política. Exploradas e mobilizadas pelos insurgentes, estas condições permitiram a construção de uma narrativa anti-Estado, que funcionou como um catalisador para adesão de jovens ao grupo, através de um mecanismo complexo de recrutamento que se estendia para além das fronteiras de Mocimboa da Praia e Cabo Delgado. Aliado a isso, há outros factores contextuais associados a dinâmicas regionais do norte de Moçambique, que concorreram para o avanço da insurgência no terreno, a saber:

- Existência de uma rede de crime organizado com ramificações além-fronteiras movimentando uma economia ilícita, através de uma diversidade de tráficos, nomeadamente droga, madeira, marfim, rubis, ouro, armas, etc. (Haysom, 2018; Habibe, Forquilha & Pereira, 2019);
- Porosidade das fronteiras, particularmente com a Tanzânia, que facilitou um forte movimento migratório associado ao garimpo ilegal e à caça furtiva (em Cabo Delgado e Niassa) e pesca (em Cabo Delgado e Nampula);

- Existência de mecanismos electrónicos e informais de transferência de dinheiro, que permitem pagamentos rápidos e eficientes, tais como Mpesa, M-mola, M-kesh ou ainda o sistema Hawala. Através destes mecanismos de pagamento foi possível impulsionar o processo de recrutamento;
- Entrada em cena do Estado Islâmico, particularmente a partir de meados de 2019, que trouxe combatentes estrangeiros melhor treinados e experimentados, armamento sofisticado e mecanismos de propagação de grande alcance, facto que aumentou a visibilidade internacional da insurgência no norte de Moçambique.

O avanço da insurgência para fora de Mocimboa da Praia esteve igualmente associado a uma segunda categoria de factores, nomeadamente factores institucionais, cristalizados na fragilidade do Estado. É deste conjunto de factores que vamos tratar nas linhas a seguir.

• Factores institucionais

Partimos das análises da teoria institucional (March & Olsen, 1989; Peters, 1996) e olhamos para factores institucionais como estando associados à maneira como as instituições funcionam, que, no caso da violência armada no norte de Moçambique, moldam os resultados referentes aos esforços do Estado para conter a insurgência. Nesse sentido, destacamos os seguintes factores:

- Resposta inapropriada do Estado, pelo menos no início da insurgência, com detenções em massa, encerramento de mesquitas e atropelos dos direitos humanos. Neste contexto, a actuação do Estado contribuiu para reforçar o fosso na sua relação com as populações locais e alimentar a narrativa anti-Estado construída e disseminada pelos Al-Shabbab não só em Mocimboa da Praia, como também em outros distritos de Cabo Delgado, Nampula e Niassa;
- Clivagens internas no seio do partido no poder (a Frelimo) ao mais alto nível, que não permitiram, pelo menos no início, a construção de uma visão comum clara e partilhada sobre o conflito armado e as estratégias de actuação no terreno. Por exemplo, as questões referentes ao recurso aos mercenários, por um lado, e, por outro, à viabilidade de apoio externo no quadro da cooperação militar com os países da região e outros não são de todo consensuais dentro do partido;

¹ O trabalho de campo foi realizado entre os meses de Julho e Dezembro de 2020.

- c) Pouca inserção dos elementos das Forças de Defesa e Segurança (FDS) no terreno. De acordo com as nossas entrevistas, alguns elementos das FDS mal conhecem os usos e costumes dos locais onde operam. Isso contribui para que, no imaginário das populações locais, eles sejam tidos como estrangeiros, facto que, algumas vezes, acaba criando um certo sentimento de resistência por parte das populações locais em cooperar;
- d) Dificuldade por parte dos elementos das FDS no terreno em entender com clareza, pelo menos nos primeiros anos, o centro do comando das operações (Ministério do Interior? Ministério da Defesa?). Ademais, a intensificação dos combates, sobretudo a partir da entrada em cena do Estado Islâmico, em meados de 2019, contribuiu para criar em alguns elementos da FDS uma certa falta de motivação e o sentimento de estarem envolvidos numa guerra, cujos objectivos desconhecem... Sentimento bem captado pelo desabado de um dos militares entrevistados no terreno: "esta guerra não é nossa..."

Embora Cabo Delgado seja o epicentro da insurgência, as entrevistas efectuadas no terreno mostram que as suas dinâmicas se estendem igualmente para Nampula e Niassa. De que forma? Através de tentativas de instalação de células religiosas de tendência radical e do processo de recrutamento de jovens para combater nas zonas directamente afectadas pela violência armada em Cabo Delgado.

Células de tendência radical e recrutamento em Nampula e Niassa: Um assunto pouco discutido

Antes do primeiro ataque a Mocimboa da Praia, em Outubro de 2017, já havia evidências da existência de células religiosas de tendência radical em alguns distritos de Nampula e Niassa. Com a eclosão da violência armada, essas células passaram a funcionar como elementos importantes no recrutamento para engrossar as fileiras dos insurgentes em Cabo Delgado. Quando se olha para o processo de instalação dessas células, é interessante verificar a semelhança que existe com o que aconteceu nos distritos de Cabo Delgado, em termos de etapas: primeiro são estabelecidas as células religiosas e, mais tarde, as células militares. As nossas entrevistas mostram que as células religiosas foram estabelecidas por indivíduos Tanzanianos ou Moçambicanos que frequentaram mesquitas de tendência salafista na Tanzânia.

Quando esses indivíduos chegaram a Nampula e Niassa, eles procuraram, primeiro, penetrar nas mesquitas locais. Exemplo disso são os casos da zona de Mutope, arredores da cidade de Nampula, em 2017, ou ainda de Momba, em 2016 (província de Nampula); Mecula, em 2017, e Lichinga, em 2014/15 (província de Niassa). Em todos estes casos, à semelhança do que aconteceu em Cabo Delgado, eles encontraram resistência por parte das lideranças religiosas muçulmanas locais, quer do Conselho Islâmico de Moçambique (casos de Lichinga e Mutope), quer do Congresso Islâmico (caso de Mecula). Na sequência disso, decidiram construir seus próprios locais de culto (mesquitas). A resistência por parte das lideranças religiosas foi acompanhada por denúncias junto das autoridades locais, à semelhança do que aconteceu nos distritos de Cabo Delgado nos momentos iniciais do fenómeno. Toda-

via, é importante referir que, diferentemente de Cabo Delgado, as células de Nampula e Niassa não conseguiram militarizar-se e desencadear acções armadas de grande envergadura contra as instituições do Estado e populações civis. Esta diferença pode estar relacionada com, pelo menos, dois factores, nomeadamente: a) uma acção melhor coordenada em Nampula e Niassa entre as autoridades governamentais e as lideranças religiosas muçulmanas locais na denúncia dos elementos do grupo e, em alguns casos, sua neutralização; b) dificuldades por parte do grupo em estabelecer uma logística capaz de desencadear e alimentar ataques armados em Nampula e Niassa. Apesar disso, nas zonas onde o grupo conseguiu estabelecer células religiosas de tendência radical, essas células passaram a funcionar como polos importantes de recrutamento de jovens com vista à sua integração nas fileiras do *Al-Shabaab* nos distritos de Cabo Delgado. Como ocorre esse recrutamento?

Dinâmicas de recrutamento em Nampula e Niassa

Evidências no terreno sugerem que os elementos que compõem o grupo dos *Al-Shabaab* não provêm unicamente de Cabo Delgado. Com efeito, dinâmicas associadas à evolução da violência permitiram que os *Al-Shabaab* instalassem uma vasta e complexa rede de recrutamento, viabilizando a incorporação de combatentes provenientes não só do estrangeiro, como também de diversos lugares do interior de Moçambique, com destaque para Nampula e Niassa, facto que, em grande medida, esvazia uma eventual tese de "guerra étnica."

A crescente literatura sobre movimentos extremistas de carácter jihadista (Neumann, 2013; Zenn, 2014; Schuurman, 2019) converge ao considerar que o processo de recrutamento não é uniforme, na medida em que existem diferenças na maneira como o recrutamento ocorre em diversos grupos jihadistas. Por exemplo, Omenma, Hendricks & Ajaebili (2020), no seu trabalho comparativo sobre *Boko Haram* e *Al-Shabaab* da Somália sublinham que os dois grupos privilegiam estratégias de recrutamento diferentes, que resultam da configuração política dos países onde actuam.

No que se refere a Nampula e Niassa, as nossas entrevistas sugerem que os *Al-Shabaab* exploram as dinâmicas sociais, económicas, políticas e religiosas locais para efeitos de recrutamento, focalizando a sua acção em diferentes aspectos, nomeadamente clivagens religiosas dentro do Islão a nível local; clivagens étnicas; instrumentalização da narrativa anti-Estado/Frelimo; esquemas de microcréditos com vista a impulsionar pequenos negócios dos futuros recrutas; promessas de emprego em Cabo Delgado no sector da pesca (para o caso dos jovens provenientes dos distritos costeiros de Nampula) e na mineração e outro tipo de actividades (para os jovens provenientes dos distritos de Niassa).

Em muitos casos, os incentivos dos recrutas baseiam-se essencialmente em dois aspectos: salários altos, que se acredita que existem em Cabo Delgado; possibilidade de melhoramento das condições de vida. Em termos de grupo-alvo, o processo de recrutamento visa essencialmente jovens, na sua maioria em condições de grande vulnerabilidade, cristalizada na ausência de emprego e perspectivas,

com destaque para os distritos do litoral de Nampula (Angoche, Mossuril, Nacala-a-Porto, Nacala-a-Velha e Momba) e os distritos do Niassa limítrofes da Tanzânia (Lago, Sanga e Mecula) e Cabo Delgado (Marrupa). Nestas circunstâncias, os *Al-Shabaab* estruturam o seu discurso de recrutamento com recurso à manipulação de factores de ordem não só religiosa como também de contestação do Estado. As nossas entrevistas mostram que as estratégias de recrutamento usadas pelos *Al-Shabaab* em Nampula e Niassa assentam essencialmente nas dinâmicas do contexto local, facto que torna o recrutamento um fenómeno contextualmente determinado. Por conseguinte, conhecer as dinâmicas do contexto local constitui uma condição fundamental para o combate à insurgência. Nesse sentido, acções de contra-insurgência, no contexto dos chamados programas de "contra extremismo violento", não podem ser desenhadas e implementadas no norte de Moçambique com base em modelos oriundos de outros contextos, sob o risco de reproduzir e reforçar as tensões locais, exploradas e mobilizadas pelos insurgentes para efeitos de recrutamento.

Conclusão

Embora Cabo Delgado continue a ser o epicentro da violência armada que se vive no norte de Moçambique, evidências no terreno mostram que a insurgência tem ramificações geográficas complexas através da instalação de células religiosas de tendência radical e mecanismos de recrutamento fora de Cabo Delgado, com destaque para Nampula e Niassa. Neste contexto, a violência armada no norte de Moçambique exige uma abordagem que deixe de olhar para Cabo Delgado como uma "ilha" para se interessar às dinâmicas presentes nas outras duas províncias, tal como nos referimos ao longo do texto, porque, afinal, não é só Cabo Delgado!

Referências

- Habibe, S., Forquilha, S. & Pereira, J. (2019) Islamic Radicalization in Northern Mozambique. The Case of Mocimboa da Praia. *Cader-nos IESE*. (17).
- Hansen, S.J. (2018) *Horn, Sahel and Rift. Fault-lines of the Africa Jihad*. London, Hurst Publishers.
- Haysom, S. (2018) *Where Crime Compounds Conflict. Understanding Northern Mozambique's Vulnerabilities*. Geneva, The Global Initiative Against Transnational Organized Crime.
- March, J. & Olsen, J. (1989) *Rediscovering Institutions. The Organizational Basis of Politics*. The Free Press.
- Morier-Genoud, E. (2020) The Jihad insurgency in Mozambique: origins, nature and beginning. *Journal of Eastern African Studies*. 14 (3), 396–412.
- Neumann, P. (2013) The trouble with radicalization. *International Affairs*. 89 (4), 873–893.
- Nkomo, S. & Buchanan-Clarke, S. (2020) *Violent Extremism in Africa. Popular Assessments from the 'Eastern Corridor'*. Afrobarometer Policy Paper 65. Afrobarometer.
- Omenma, J.T., Hendricks, C. & Ajaebili, N.C. (2020) *Al-Shabaab and Boko-Haram: Recruitment Strategies. Peace and Conflict Studies*. 27 (1), 1–26.
- Oriola, T.B. & Knight, W.A. (2019) Combating Violent Extremism in Africa: Terrorism and Piracy. *African Security*. 12 (3–4), 269–271.
- Peters, B.G. (1996) Political Institutions. Old and New. In: *A New Handbook of Political Science*. New York, Oxford University Press. pp. 205–220.
- Savana (2020) *Sheik Aminuddin e a situação em Cabo Delgado. Governo não ligou aos avisos*.
- Schuurman, B. (2019) Topics in terrorism research: reviewing trends and gaps, 2007 - 2016. *Critical Studies on Terrorism*. 12 (3), 463–480.
- Zenn, J. (2014) Boko Haram: Recruitment, financing, and arms trafficking in the Lake Chad region. *Combating Terrorism Center (CTC) Sentinel*. 7 (10), 5–10.